

# Esportes de aventura para pessoas com deficiência visual: o que dizem sobre a prática?

Adventure sports for people with visual disability: what is said about the practice?

Deportes de aventura para personas con discapacidades visuales: ¿qué dicen sobre la practica?



**Claudio Benites da Silva**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.  
e-mail: claudiobenites81@gmail.com



**Marina Brasiliano Salerno**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil  
e-mail: marina.brasiliano@gmail.com

**Resumo:** Por muito tempo, a deficiência visual privou aqueles que a possuíam de praticar esportes, principalmente quando o destaque é dado ao elemento risco. Entretanto, esse fator, em particular, é presença constante também no cotidiano desse grupo. Assim, este estudo objetiva analisar, através dos relatos dos participantes, a relação da pessoa com deficiência visual com os esportes de aventura praticados em meio natural. Caracterizada como qualitativa, esta pesquisa contou com a participação de sete pessoas com deficiência visual. Nos resultados foram relatados aspectos como tempo de preparação para a experimentação em meio natural, os desafios enfrentados no cotidiano e a similaridade com os que foram encontrados na natureza e a interação entre pessoas com e sem deficiência em atividades consideradas de risco.

**Palavras-chave:** Deficiente Visual. Esportes de Aventura. Natureza

**Resumen:** A lo largo de la historia las personas con discapacidades visuales fueron impedidas de practicar los deportes variados, principalmente aquellos con el destaque al riesgo, todavía, ese factor en particular es parte integrante del cotidiano de este grupo. Así, el objetivo de la presente investigación fue analizar la relación entre las personas con discapacidades y los deportes de aventura practicadas en la naturaleza oyendo a los participantes. Caracterizada como investigación cualitativa, 7 personas con discapacidades visuales participaron. En los resultados, aspectos del tiempo de preparación para la experimentación en la naturaleza, los retos enfrentados en el cotidiano y la similitud con los encontrados en la naturaleza, la interacción entre las personas con y sin discapacidades fueron reportadas.

**Palabras-clave:** Discapacidad Visual; Deporte de Aventura; Naturaleza

**Abstract:** For a long time, those who had visual disabilities could not practice sports, especially those involving a risk factor. However, this element is also a constant presence in their everyday lives. Therefore, this paper aims to analyze the relation between people with visual disability and adventure sports practiced in natural environments through the participants' reports. This qualitative research had seven participants with visual disability. The results showed aspects regarding the experience preparation time, the daily challenges and which are similar to those found in natural environments, the interaction between people with and without disability during activities considered risky.

**Keywords:** Visual Impairment; Adventure Sports; Nature

Submetido em: 19-09-2019

Aceito em: 08-06-2020

## Introdução

Desde os jogos olímpicos da era moderna, o esporte tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. Diversos foram os objetivos incumbidos a ele, passando, inclusive, a atribuir valores, normas e costumes a seus praticantes (MARQUEZ; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Os esportes de aventura têm despertado interesse naqueles que buscam dar um novo sentido à vida. Um sentimento de liberdade que há muito tem sido posto em segundo plano em detrimento do conforto e segurança da vida moderna. Essa é uma busca que tende a quebrar regras impostas, desafiar limites estabelecidos pela sociedade e, até mesmo, os limites do próprio corpo (KLOTTER, 2015).

Entre esses dois elementos – esporte e aventura –, existe uma parcela da população à qual coube, durante muito tempo, ser mera expectadora desse movimento: as pessoas com deficiência.

Após a Segunda Guerra Mundial, o esporte se firmou como um mecanismo, primeiramente, de reabilitação e, depois, de socialização, vindo então a culminar com o surgimento do esporte adaptado como prática de lazer e de competição (ARAÚJO, 2011).

Ainda que tardiamente, os esportes de aventura têm se tornando uma realidade cada vez mais presente para esse público. Uma das possíveis explicações para isso, segundo Carvalho (2005, p. 25), está no fato de “que nem a idade, sexo, biotipo ou deficiências de qualquer natureza são fatores limitantes ou de impedimento à prática destas atividades”.

Munster (2004) fez uso de seis modalidades praticadas na natureza para propor uma abordagem pedagógica para o ensino de esportes às pessoas com deficiência visual. Para isso, foram utilizadas práticas do *trekking*, *caving*, escalada em rocha, *rafting*, canionismo e, por fim, o mergulho subaquático.

Carvalho (2005) utilizou do canionismo para refletir sobre a demanda física e as possibilidades de trabalho com essa prática, também voltada à pessoa com deficiência visual. Para além do processo de ensino e aprendizagem, o autor entrevistou os participantes da sua pesquisa para saber o que eles sentiram na relação estabelecida com a natureza. Os respondentes relataram que gostaram de buscar um movimento desafiador e de apresentar a coragem necessária para a superação das barreiras encontradas, além da melhora da coordenação nas atividades do dia a dia.

Cantorani (2013) investigou pessoas com deficiência que, de forma autônoma, buscaram o esporte de aventura na cidade de Socorro, interior do estado de São Paulo. O autor investigou a relação da acessibilidade às atividades de aventura com a qualidade de vida percebida pelos participantes. Nessa pesquisa, observou-se que existe a necessidade de analisar a percepção dos sujeitos diante da prática de esportes de aventura no tocante a diversos aspectos da sua condição de deficiência visual.

Cabe registrar que, neste artigo, utilizaremos o termo “esportes de aventura” englobando também os esportes praticados na natureza. Entendemos que, como disseram Perreira, Armbrust, Ricardo (2008, p. 38), “o tema é recente e os conceitos começam a serem debatidos sem que definições estejam cristalizadas”.

No entanto, o objetivo aqui não é discutir conceitos, mas analisar a relação da pessoa com deficiência visual com os esportes de aventura, em particular os praticados na natureza, por meio do relato dos praticantes, a partir de um processo de ensino-aprendizagem.

## Metodologia

Caracterizada como qualitativa de cunho descritivo e exploratório (THOMAS; NELSON, 2002), a presente pesquisa se deu por meio do acompanhamento de um grupo de pessoas com deficiência visual que aceitou participar da pesquisa e se engajou em ati-

vidades específicas ao longo de oito meses. As modalidades de aventura escolhidas para esta proposta foram: rapel, *trekking* e escalada.

A proposta contou com a participação de acadêmicos de Educação Física, da UFMS, aos quais foram ministradas as mesmas atividades oferecidas ao grupo de pessoas com deficiência. Os dois grupos se encontraram apenas 4 vezes ao longo de todo o projeto, quando os acadêmicos auxiliavam nas atividades realizadas. Porém, os dois grupos não treinaram juntos em momento algum.

A coleta dos dados ocorreu de formas distintas: (1) por meio de questionário inicial para compreensão da experiência motora dos participantes; (2) através da realização de um grupo focal, efetivado ao final de todo o processo, com questões direcionadas para o debate entre os participantes; (3) e com um registro em diário de campo.

A presente pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da UFMS, através do parecer nº 1.432.771

Delineou-se, então, uma proposta de construção de experiências específicas que culminou na descida de uma cachoeira com a utilização da técnica do rapel pelo grupo de participantes. A partir de uma análise na literatura disponível, optou-se pelos seguintes caminhos metodológicos:

- Estabelecimento de um sistema de comunicação clara e objetiva (MUNSTER, 1993; MINUSSI, 2010);
- Fragmentação das atividades, apresentando-as das mais simples para as mais complexas (CARVALHO, 1999; 2005);
- Conhecimento dos equipamentos e entendimento do seu funcionamento (CARVALHO, 1999; 2005);
- Exploração do terreno e da irregularidade da sua superfície (MUNSTER, 1993; CARVALHO, 1999; 2005; CUSTÓDIO, 2009);

- Exploração da consciência corporal, dos apoios sonoros e sinestésicos, e da manutenção do equilíbrio (MUNSTER, 1993; CARVALHO, 1999; 2005; MINUSSI, 2010).

Uma vez definidos os passos, deu-se início aos encontros, sendo realizados na sede do instituto que acolheu o grupo de participantes e pesquisadores. Além disso, foram realizados encontros semanais, cada um com duração de 60 minutos, ao longo de oito meses antes da descida na cachoeira.

O projeto começou com um universo de onze participantes. Destes, quatro desistiram logo após as primeiras aulas – dois, por incompatibilidade de horário; e outros dois, por questões pessoais não reveladas. Sete participantes concluíram o projeto.

Quanto às atividades desenvolvidas ao longo do projeto, podemos elencar as seguintes:

- Roda de conversa e manipulação dos equipamentos, uma vez que a manipulação tátil é um excelente mecanismo de aprendizagem (MINUSSE, 2010) e permite desenvolver e aprimorar conceitos de textura, forma, tamanho, dureza e temperatura (COSMO, 2003);
- Jogos e brincadeiras, como cabo de guerra, transportes de pessoal, balanço com a corda presa a uma árvore e ligada a uma cadeira pelo mosquetão a fim de testar a resistência dos equipamentos;
- Visita a uma academia de escalada e aulas de *slackline*;
- Exploração de diversos tipos de terreno e suas superfícies irregulares;
- Teia de aranha – uma trama feita com cordas esticadas entre diversas árvores onde os participantes devem atravessar.

Concluído o período de treinamento, o grupo foi levado a uma cachoeira de 30 metros de altura onde puderam fazer o rapel, seguido de uma trilha que terminava em uma encosta onde as habilidades de escalada foram utilizadas.

Após a utilização dessa metodologia de trabalho, foi utilizada a técnica de grupo focal com base nas orientações de Godin (2003). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010).

## Resultados e discussões

O universo da pesquisa contou com sete pessoas que concluíram a proposta, sendo cinco cegos totais e dois com baixa visão. Houve um equilíbrio em relação ao sexo, havendo a participação de quatro mulheres e três homens, com idades variando de 30 a 46 anos. Todos os participantes já praticavam algum esporte ou atividade física, evidenciando uma satisfatória consciência corporal, mas apenas três participantes tinham experiência com o esporte de aventura, como segue no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos Sujeitos

Participante	Sexo	Idade	Tipo de deficiência	Congênita ou adquirida	Experiência anterior com esporte de aventura
P1	Masculino	41	Cegueira Total	Adquirida	Trekking
P2	Feminino	30	Cegueira Total	Adquirida	Trekking
P3	Feminino	32	Cegueira Total	Adquirida	Nenhuma
P4	Feminino	31	Baixa Visão	Adquirida	Nenhuma
P5	Feminino	45	Cegueira Total	Congênita	Nenhuma
P6	Masculino	46	Baixa Visão	Congênita	Nenhuma
P7	Masculino	36	Cegueira Total	Congênita	Escalada (muro artificial)

Fonte: elaboração própria (2019).

Ao analisar a fala dos participantes da pesquisa, seguindo Bardin (2010), os resultados sobre a percepção dos sujeitos no to-

cante às atividades propostas foram agrupadas em três categorias: 1) Aproximação com os esportes de aventura; 2) Processo de ensino-aprendizagem; e 3) Interação social.

#### 1) Aproximação com os Esportes de Aventura

Apesar da consciência corporal advinda das experiências esportivas anteriores, apenas três dos participantes mencionaram o fato de já ter praticado algum esporte de aventura. Os demais integrantes do grupo afirmaram que o único contato com essas práticas foi por meio de programas televisivos ou relatos de familiares e/ou amigos.

O relato do Participante 7 demonstra uma das possíveis justificativas para os dados apresentados acima:

[...] nunca tivemos a oportunidade, tivemos algumas promessas não cumpridas [...] se não fosse você, talvez a gente jamais iria viver isso, porque as pessoas não dão oportunidade.

A promessa a que o participante se refere tem se dado por pessoas e instituições que, esporadicamente, propõem atividades de aventura, sejam elas recreativas ou para fins acadêmicos. No entanto, por motivos desconhecidos, as atividades não se concretizam.

Cabe ressaltar também que os participantes, apesar de serem atendidos por uma instituição especializada em pessoas com deficiência visual, possuem uma vida independente. Eles são, portanto, capazes de adquirir bens e serviços pautados única e exclusivamente por suas necessidades e vontades. Assim, podemos afirmar que eles são capazes de praticar essas atividades por meio de empresas especializadas em esportes de aventura.

No entanto, como evidencia a literatura, essas práticas têm sido ofertadas a essas pessoas por meio de parcerias entre instituições especializadas e universidades (MUNSTER, 2004; CARVALHO, 2005). Apenas Cantorani (2014) procurou investigar aquelas pessoas com deficiência que buscaram livremente os esportes de



aventura. Com isso, encontrou, no interior de São Paulo, um estabelecimento especialmente planejado para oferecer uma experiência de aventura totalmente adaptada às demandas daquelas pessoas.

O fato desse conhecimento ainda estar muito restrito a ações de cunho acadêmico e ser pouco oferecido por empresas de turismo pode ser um dos motivos dessa população não ter a oportunidade de adquirir esses serviços. Eles, raramente, são oferecidos com as adaptações necessárias, sejam elas estruturais ou de capacidade técnica, como destaca o Participante 1:

Bom, enquanto pessoa e enquanto instituição a gente já vinha buscando algo do tipo, né, mas nunca tivemos a oportunidade (Participante 1).

Esse relato em relação à oportunidade tem levado os sujeitos da pesquisa – e até mesmo a direção do Instituto Sul-matogrossense para Cegos de Campo Grande (ISMAG) – a desenvolver uma postura defensiva ao receber convites para participar de projetos como este.

Ainda assim, conforme afirmam Cardoso, Silva e Felipe (2006, p. 84), “diante da oferta de desafios a serem superados, o indivíduo manifesta um sentimento de fortalecimento da autoconfiança”. Essa autoconfiança ficou expressa na fala da Participante 3 quando fez o comentário sobre como recebeu o convite para participar do projeto: “já encarei logo de cara”.

A curiosidade, por sua vez, foi a motivação da Participante 4, como se evidencia a seguir:

[...] Eu quando recebi o convite eu fui por curiosidade, porque eu fui criada lá no meio do mato, lá subindo a serra e daí conforme foi passando eu fui gostando eu fui também assim pra, pra ver... eu sou assim da parte meio curiosa, eu gosto de experimentar as coisas nova.

Esse relato revela, segundo Cardoso, Silva e Felipe (2006, p. 84), um interesse “pelo novo, pelo inesperado, pelo risco e pelo incerto, embutidos no imaginário humano, desperta no homem o sentido do espírito aventureiro”. Porém, esse interesse é posto em risco quando propostas vagas surgem, trazendo ansiedade e frustração.

Também é importante lembrar, como menciona Carvalho (2005, p. 22), que “o trauma da cegueira causa inicialmente um desequilíbrio emocional”. Isso ficou bastante evidente no relato do Participante 1 (Diário de Campo, maio/2016), quando afirmou que, ao saber que ficaria cego, e, principalmente, após perder completamente a visão, ele se colocou em “luto” por vários anos.

A Educação Física pode ter um papel relevante no auxílio da retomada da independência dessas pessoas. Ao se perder a visão, perde-se também todo o referencial espacial, o que desencadeia uma série de problemas relacionados à orientação e mobilidade. A pessoa com deficiência visual, pelo menos no início, fica impedida de se locomover livremente (CARVALHO, 2005).

Por sua vez, a Educação Física e os esportes de aventura podem auxiliar, de forma significativa, na recuperação dessa liberdade ao mesmo tempo que, de acordo com Cardoso, Silva e Felipe (2006, p. 78),

pode ser explorado [...] como nova possibilidade pedagógica, uma vez que carrega em si um leque de oportunidades muito amplo, tanto na formação do indivíduo em si, como sua relação com o meio ambiente.

Cabe ressaltar que, apesar do trauma emocional mencionado anteriormente, o grupo de pessoas com deficiência visual que participou desta pesquisa convive com a condição, em média, há mais de 10 anos. Apenas uma participante havia adquirido a deficiência há 4 anos.

Desde então, a relação dessas pessoas com as mais diversas atividades do cotidiano tem sido um constante processo de ensino-aprendizagem.

#### Processo ensino-aprendizagem

Dando sequência aos resultados, essa segunda categoria buscou identificar a relação construída entre os participantes, as atividades propostas e os acadêmicos voluntários do projeto.

Um dos principais questionamentos advindos dos participantes foi em relação ao tempo de duração do projeto – oito meses. Na interpretação deles, foi um tempo excessivo para se preparar, fazendo com que a ansiedade pela chegada das atividades, por vezes, agisse de forma desmotivadora para a permanência no projeto.

Segundo Marinho (2008, p. 182), os esportes de aventura

são atividades cerceadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios [...]. A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejado.

No entanto, foi esclarecida aos participantes a necessidade de um maior rigor metodológico já que, sendo esta uma pesquisa acadêmica, há a necessidade de maior cautela em relação à segurança dos participantes. Também foi mencionado que o tempo de preparação proporcionaria que novas técnicas e novas metodologias pudessem surgir, contribuindo com a formação de futuros professores.

Essa colocação foi compreendida pelos participantes, ficando clara no relato do Participante 1:

[...] então, apesar de chato né, chato essa teoria, mas isso é o que eu falo, fortaleceu pra eu aceitar mais e mais esse esporte de aventura, porque tanto é que quando realmente foi concretizado, fomos né, pra descer mesmo, olha, eu falo sem

medo, não tive nem.., assim nenhum... receio nenhum quanto à segurança, sabe, de acontecer algum incidente, sei lá.

Outra demonstração de que os participantes compreenderam a importância do tempo de preparação foi o fato de terem sugerido algumas modificações que, segundo eles, poderiam contribuir para melhorar as sensações durante as atividades. Isso reforça a ideia de que novas metodologias podem surgir.

[...] uma coisa que, talvez, dá pra experimentar também professor, [...] é a luva aqui ó... a gente corta a luva e fica com os dedos pra fora, porque na verdade nosso tato é, a maioria das vezes, na ponta dos dedos (Participante 3).

[...] se pudesse descer sem os tênis [...] Agora quanto ao tênis ali, opção. Mas seria bacana, também, pra gente sentir os pés ali, sabe, nas pedras, nas raízes ali, pelo menos pra descer, pra subir não, mas pra descer, fica bem natural mesmo (Participante 1).

Essas sugestões apresentadas demonstram que o tempo de preparação foi importante para que os participantes assimilassem muito bem as atividades, sendo também capazes de propor alterações em possíveis metodologias ou procedimentos futuros.

Ainda nesse tópico, podemos destacar a relação dos participantes com os acadêmicos de Educação Física que estiveram presente nas principais etapas do processo de preparação e, de modo mais efetivo, no dia da atividade principal, quando todos realizaram o rapel, o *trekking* e a escalada.

É importante registrar que, ao longo dos oito meses de treinamento, os acadêmicos estiveram presentes poucas vezes. O objetivo desse distanciamento se deu em virtude de que, como já mencionado anteriormente, os esportes de aventura, dentro de uma vertente comercial, oferecidos por empresas especializadas, podem ser uma prática na qual não se exige “treinamentos intensivos prévios” (MARINHO, 2008, p. 182).

Para os sujeitos da pesquisa, esse distanciamento não produziu nenhum efeito negativo, como demonstrou o Participante 1:

[...] o que foi passado de segurança pra gente, quanto a empresa que estava lá, corpo de bombeiros, tudo mais [...] eu desceria sem sombra dúvida.

No entanto, o fato dos acadêmicos não terem participado constantemente das oficinas para ambos os grupos se conhecerem melhor – e até mesmo aprenderem uns com os outros –, certamente gerou um grau de insegurança nos acadêmicos, que culminou num nível elevado de preocupação e ansiedade no momento das atividades práticas.

Os acadêmicos e os sujeitos da pesquisa receberam os mesmos treinamentos. Tudo que era ensinado ao grupo com deficiência visual era também repassado aos acadêmicos. Esses ainda receberam, ao longo do processo, treinamentos específicos sobre a orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. Porém, a falta de convivência entre os dois grupos produziu um grau de ansiedade nos acadêmicos que foi percebido pelos participantes.

ele tava meio desajeitado assim né, pra guiar e tal, porque tem um jeito né, de dar o braço e tal, ele não sabia se dava o braço ou se puxava o braço, se ele me levava no colo (Participante 7). parece que tava mais com medo que a gente, na hora da... subir né, escalada, a voz estava meio tremula, na hora de falar, - “vem pra cá, apoia lá o pé, desce...” você via que ele tava, nossa!, com medo [...] Mas é normal, as vezes a questão da responsabilidade de não deixar acontecer nada (Participante 1).

Essa relação entre os sujeitos da pesquisa e os acadêmicos ocorreu em um nível interpessoal e contribuiu para discussões que geraram a terceira categoria da nossa análise.

#### Interação Social

A deficiência, seja qual for, implica em um círculo social bastante limitado, quase sempre composto por familiares e profissionais envolvidos na reabilitação. Para que esse modelo seja rompido, é preciso que não se permita reproduzir esse sistema social imposto pela história (SILVA, 2017).

Araújo (1997), citado por Nunes (2008, p. 78), nos lembra que:

O que define a pessoa portadora de deficiência não é falta de um membro nem a visão ou audição reduzidas. O que caracteriza a pessoa portadora de deficiência é a dificuldade de se relacionar, de se integrar na sociedade, o grau de dificuldade para a integração social é que definirá quem é ou não portador de deficiência.

Essa integração social também pode se dar por meio da prática de esportes que envolvam o fator risco. Assim, lembramos de Alves e Nazari (2009, p. 5) quando dizem que “o deficiente, e mais ninguém, é que deve decidir se precisa ou não se sujeitar a tais Atividades de Aventura, se vale a pena ou não, aderir a essas práticas”.

Experimentar tais atividades contribui, de acordo com Lavora, Schwartz e Machado (2008, p. 120), para o surgimento de “mudanças axiológicas, de valores, condutas e estilos de vida”. Essas mudanças podem acontecer em diversos níveis da nossa vida, principalmente no aspecto social.

Não basta apenas que as pessoas com deficiência pratiquem esportes de aventura, é preciso que elas sejam vistas em ação e, além disso, que elas dividam o mesmo espaço com pessoas sem deficiência, construindo assim uma verdadeira sociedade humana e inclusiva. Para que isso aconteça, sugerimos que todo e qualquer evento proposto para esse público, sempre que possível, seja realizado de forma que pessoas sem deficiência também possam participar, de forma que ambos os grupos possam interagir.

Foi isso o que aconteceu no dia da atividade campo. Quando chegamos à cachoeira, encontramos dois outros grupos praticando o rapel. Assim que todos, no local, descobriram se tratar de um grupo de deficientes visuais, a recepção foi muito boa e a interação ocorreu de forma natural, havendo curiosidade de ambos os grupos sobre as suas experiências.

Dessa interação entre os grupos, podemos destacar a percepção da Participante 3:

[...] o que aconteceu, além de... do projeto ter sido muito bom, é a gente estar mostrando pro povo... até a questão de, foi demorado pra descer. Tinha muita gente pra descer. Tinha muita gente na cachoeira? Maravilhoso! O pessoal, todo mundo pôde ver que nós cegos, a gente também está interagindo com eles. Ali, eu acho que foi a prova viva da inclusão. Tinha gente normal, e a gente tava lá no meio de todo mundo.

Permitir essa interação entre pessoas com deficiência visual e o público sem deficiência foi importante, pois a troca de experiência entre ambos os grupos permitiu que a confiança nas atividades aumentasse. No entanto, cabe ressaltar que a palavra final sobre a prática da atividade cabe à própria pessoa com deficiência, pois, segundo Costa (2000, p. 9), arriscar-se “exige decisões conscientes que indicam as probabilidades de êxito e a ponderação dos benefícios”, decisões estas que, no caso das pessoas com deficiência visual, são todas tomadas com base nas informações transmitidas por seus interlocutores.

Também foi possível notar a interação ocorrida entre os acadêmicos e os participantes com deficiência visual. Dessa interação, foi possível concluir que os acadêmicos, apesar de terem sido treinados para esse dia e essas atividades, ainda não haviam alcançado a confiança desejada ou esperada para trabalhar com esse público. Como disse o Participante 1:

“[...] tinha um, não vou citar nomes, dos acadêmicos, que parece que tava mais com medo que a gente, [...] a voz estava meio trêmula, na hora de falar [...] você via que ele tava, nossa! com medo. Aí a gente querendo acelerar a subida, e ele – “não calma, calma”, [...] Mas é normal, as vezes né, a questão da responsabilidade de não deixar acontecer nada”

A Participante 3 justificou a forma com que os acadêmicos agiram lembrando que esse tratamento para com a pessoa com deficiência visual é corriqueiro, quando se trata de pessoas que nunca tiveram contato com esse grupo:

“[...] Porque, pra eles deve ser a primeira vez que lidam com deficiente, visual ainda, eles devem ter um medo. Porque a primeira vez que eles vieram aqui com todo cuidado, parece que tem medo de machucar, de tocar, então, eu não fui lá, não vi como foi lá, mas eu acho que eles também devia estar com aquela insegurança. Ai meu Deus do céu, se cai, se machuca, eles não estão vendo, nós que somos os responsáveis. [...] Não é fácil a pessoa lidar com a pessoa (deficiente visual)... eu acho que a pessoa que enxerga, pra conduzir um cego, ele fica todo, querendo... falta colocar o cego no colo e carregar a gente”

Esses dois relatos revelam que as pessoas com deficiência visual têm uma noção clara de que a pessoa vidente possui uma imagem fragilizada do deficiente visual e que, para pessoas cujo contato inicial com esse grupo se deu por meio de uma série de práticas esportivas, em que o elemento central é o risco, a sensação de responsabilidade é ainda maior.

O que se pode depreender desse episódio é que a relação entre aluno e monitor deve acontecer de forma gradativa e contínua para que ambos passem a confiar um no outro. Essa proposição cabe, particularmente, a projetos ou estudos acadêmicos, já que, no âmbito das atividades comerciais, essas práticas se apresentam e se realizam de uma forma muito mais imediata e direta, conforme vimos anteriormente citado por Marinho (2008).



Em ambos os casos, é necessário que, ao se pensar na possibilidade de oferta da prática da aventura às pessoas com deficiência, os profissionais envolvidos busquem conhecer as particularidades de cada deficiência e as necessidades de cada indivíduo de modo que, durante a atividade, seja possível uma interação social confiável, segura e positiva.

## Conclusão

Após oito meses de um processo de ensino-aprendizagem das técnicas de rapel, *trekking* e escalada, o grupo foi submetido a uma descida de rapel em uma cachoeira de 30 metros, uma trilha de aproximadamente 500 metros através da mata, além de uma escalada de 30 metros.

Dessa experiência, foi possível extrair as percepções do grupo sobre as atividades realizadas e dividi-las em três categorias: 1) Aproximação com os esportes de aventura; 2) Processo de ensino-aprendizagem; e 3) Interação social.

A partir dessas três categorias, observa-se que, ainda que o estado de Mato Grosso do Sul – mais especificamente, a capital Campo Grande, onde a pesquisa foi realizada – possua grande potencialidade para a prática dos esportes de aventura, isso não tem sido oportunizado para o público com deficiência visual, ainda que seja um grupo com possibilidades financeiras para adquirir esse produto.

Na percepção desse grupo, o conhecimento sobre os esportes de aventura, adquirido por meio do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido ao longo dos oito meses, facilitou a realização da prática. Esse fato indica que propostas como essa podem ser replicadas em outros espaços, como na educação física escolar, em que as pessoas poderão ter experiências prévias com esses esportes, construindo, assim, uma maior sensação de segurança nas práticas futuras.

A presença de profissionais especializados também gerou uma sensação de conforto para a realização das atividades pelos participantes da pesquisa, fato que revela a necessidade de formação e especialização daqueles que atuam com os esportes de aventura no trato com a pessoa com deficiência.

A interação social foi outro aspecto destacado pelo grupo. Participar de atividades como as propostas neste projeto contribui para que o círculo social das pessoas com deficiência – especialmente das que possuem deficiência visual – possa se expandir além de seus limites familiares e de profissionais envolvidos na sua adaptação.

Ainda que limitada pelo número de participantes, esta pesquisa trouxe pontos relevantes sobre os esportes de aventura em sua essência e em suas possibilidades de prática em diferentes espaços, bem como o seu potencial inclusivo e socializador, podendo proporcionar experiências de lazer e interação social que vão além dos desafios pessoais e sociais impostos diariamente a esse grupo.

## Referências

- ALVES, Lucas Salomão; NAZARI, Juliano. Atividades de Aventura e deficiência: limites e possibilidades. **EFDeportes, Revista Digital**. Buenos Aires, año 14 - Nº 138 – Nov. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd138/atividades-de-aventura-e-deficiencia.htm>. Acesso em: nov., 2016.
- ARAUJO, Paulo Ferreira de. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2010, p. 281.
- CARDOSO, Aercio Rossi; SILVA, Andreia; FELIPE, Gisele Rosa. A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.1 p.77-87, jan./abr. 2006. Disponível em

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/64/45?> Acesso em: dez., 2015.

CARVALHO, Artur José Squarisi de. **Estratégias de ensino do canyoning para pessoas deficientes visuais**. 1999. 75 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CARVALHO, Artur José Squarisi de. **Esportes na natureza: Estratégias de ensino do canionismo para pessoas com deficiência visual**. 2005. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

COSMO, João Francisco. **A educação física e orientação e mobilidade**. 2003. 49f. Monografia (Especialização em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. Barueri: Manole, 2000.

CUSTÓDIO, Vagner. **Caminhada de pessoas com deficiência visual em áreas naturais: um estudo com auxílio do GPS (sistema de posicionamento global)**. 2009. 109 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GODIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais com técnicas de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 12, n. 24, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2002000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004). Acesso em: nov., 2015.

KOTLER, Steven. **Super-humanos: como os atletas radicais redefinem os limites do possível**. São Paulo: Sextante, 2015.

LAVOURA, Tiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antonio. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Rev.**

**bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.22, n.2, p.119-27, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16687>. Acesso em: nov., 2016.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, maio/agosto de 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315219010>. Acesso em: jan., 2016.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da guerra fria**. Encontro da ALESDE, Curitiba, 2008. Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000359522](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000359522). Acesso em: out., 2015.

MUNSTER, Mey de Abreu Van. **Jogos e brinquedos adaptados a portadores de deficiência visual**. 1993. 76f. Monografia (Especialização em Educação Física Adaptada) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MUNSTER, Mey de Abreu Van. **Esportes na Natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica**. 2004. [s.n] Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MINUSSI, Mônica. **Escalada para pessoas com deficiência visual: possibilidades no contexto esportivo**. 2010. 51f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

NUNES, Érica; *et al.* **Inclusão social de portadores de necessidades especiais (pnes) e a prática do turismo em áreas naturais: avaliação de seis cavidades turísticas do estado de São Paulo**. Campinas, SeTur/SBE, Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas, 2008.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais de aventura e ação, conceitos, classificações e

características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 12, n. 1, p. 37-55, jan./jun., 2008. Disponível: <http://boletimef.org/biblioteca/2219/Esportes-radicaais-de-aventura-e-acao-conceitos-e-classificacoes>. Acesso em: set., 2015.

SILVA, Claudio Benites da. **Esportes de Aventura para pessoas com deficiência visual: Percepções**. 2017. 105f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

## Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Título: Esportes na natureza para deficientes visuais. Parecer nº. 1.432.771.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.